



A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS DIFICULDADES DO FAZER DOCENTE

Sílvio César Lopes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN- PPGED – Bolsista CAPES

sclopes2@yahoo.com.br

Resumo: Durante a nossa formação temos nos deparado com diversos desafios os quais foram nos acompanhando ao longo dos anos. Estes nos levam a pensar algumas questões as quais convivem em nosso cotidiano e perpassam nossa prática na sala de aula. Neste caso, porque o modelo de escola que temos não corresponde às necessidades dos alunos que esta chega? Até que ponto novas metodologias de ensino estão sendo aplicadas em sala de aula e quais seus efeitos? Ao olharmos para as tecnologias digitais, quais espaços as mesmas estão tendo na sala de aula? O professor em relação às propostas curriculares ocupa papel relevante, uma vez que a ele cabe a mediação dos conteúdos e do conhecimento junto a seus alunos. Porém, o que se observa em alguns casos, diante das limitações – espaço, tempo, remuneração salarial, desinteresse por parte dos alunos e etc.- são práticas arcaicas as quais são reproduzidas e repetidas ano após ano sem dar a mínima possibilidade ao aluno de questionar ou refletir sobre os assuntos abordados. Tais situações chamam-nos atenção uma vez que refletem diretamente no fazer do professor e, por conseguinte no processo ensino aprendizagem de seu aluno. Assim, no presente texto buscaremos refletir acerca do fazer docente, suas dificuldades e seu contexto, ao passo que tomaremos por base alguns estudos e autores os quais nortearão nossa reflexão e entendimento da temática proposta.

Palavras-Chave: Professor, Formação docente, Tecnologias

Introdução

A atual conjuntura social nos instiga a pensar o homem enquanto ser coletivo e mutável. Não dá para dissociá-lo deste emaranhado de avanços, dentre os quais o tecnológico, que a cada dia se atualiza e se refaz. É a partir desse contexto que situamos a necessidade de refletir a formação de professores, uma vez que a escola, o aluno e a sociedade passam por transformações e é necessário atentar para tal fato, buscando alternativas viáveis que minimizem lacunas deixadas ao longo dos anos.

Assim, neste artigo refletimos sobre a formação de professores a partir da necessidade de pensar uma formação contínua e contextualizada com a realidade e cotidiano da sala de aula. Formar para o dia a dia, é perceber que os sujeitos estão em processos, se recriando e readaptando de acordo com as necessidades. É a partir desse cenário que fazemos a nossa leitura acerca da formação de professores a contextualizamos tendo por base o modelo de escola e as tecnologias e mídias digitais.



Metodologia

Pensar a formação de professores é adentrar numa vasta seara, permeada de diversos fatores como tempo, distância, qualidade na formação, dedicação do formando e compromisso daquele que forma, dentre outros. Para tanto, tomamos por base um referencial teórico, que discute e debate algumas questões pertinentes a formação de professores, bem como as lacunas deixadas ao longo deste processo.

Para tanto, optamos por uma pesquisa básica de tipo bibliográfica, na qual, a partir do modelo de escola e das mídias e tecnologias digitais situamos o professor, como sujeito agente de um processo que exige a cada instante muito mais que o domínio de um conteúdo.

Assim, os autores e texto aqui mencionados, servirão de suporte para o entendimento das reflexões sinalizadas. Concordamos com Appolinário (2011) e Severino (2007) quando estes afirmam que, as fontes bibliográficas permitem ao pesquisador revisar teorias e autores com o propósito de entender o tema proposta.

A Formação de professores o os desafios de uma boa preparação

Por maiores que sejam os problemas enfrentados ao longo das últimas décadas em relação ao sistema educacional e, por conseguinte a sua qualidade, acreditamos ser necessário investimentos significativos na formação do professor e na identidade profissional do mesmo. E quando pensamos em formação, pensamos no sujeito como um todo, já que ele interagem com o meio, sente pensa e atua. Ou seja, mais que teorias, é preciso preparar o professor para enfrentar problemas reais de pessoas comuns.

Daí ser necessário,

Além das questões envolvendo o ambiente universitário, a falta de diálogo com a realidade da escola é outro fator apontado como fonte de dificuldades para os professores recém-formados que ingressam nas redes de ensino (INSTITUTO PORVIR, 2015, *on line*).

A dinâmica da sala de aula e seu cotidiano vêm exigindo mais que teóricos, além da teoria, exige-se competência para atuar de forma profícua e ações que saiam do corriqueiro e trivial. O século XXI sinaliza mudanças sociais que afetam diretamente as relações educacionais, mais especificamente a do professor e aluno. Contudo, os novos sujeitos, as novas relações, o novo jeito de se comunicar e as redes sociais, afetam o saber e o conhecer que por conseguinte desencadeiam nas questões do fazer.

Sobre essa questão Saviani (2009) ressalta que:

Quando se afirma que a universidade não tem interesse pelo problema da formação de professores, o que se está querendo dizer é que ela nunca se preocupou com a formação específica, isto é, com o preparo pedagógico-didático dos professores. De fato, o que está em causa aí não é propriamente uma omissão da universidade em relação ao problema da formação dos professores, mas a luta entre dois modelos diferentes de formação. De um lado está o modelo para o qual a formação de professores propriamente dita se esgota na cultura geral e no domínio específico dos conteúdos da área de conhecimento correspondente à disciplina que o professor irá lecionar. Considera-se que a formação pedagógico-didática virá em decorrência do domínio dos conteúdos do conhecimento logicamente organizado, sendo adquirida na própria prática docente ou mediante mecanismos do tipo “treinamento em serviço”. Em qualquer hipótese, não cabe à universidade essa ordem de preocupações. (SAVIANI, 2009, p.149)

O que se compreende é que, ao tornar-se especialista o professor domina certa área do conhecimento, neste caso, entende-se conhecimento por conteúdo. Por outro lado, o mesmo autor afirma que:

A esse modelo se contrapõe aquele (...) o qual a formação de professores só se completa com o efetivo preparo pedagógico-didático. Em consequência, além da cultura geral e da formação específica na área de conhecimento correspondente, a instituição formadora deverá assegurar, de forma deliberada e sistemática por meio da organização curricular, a preparação pedagógico-didática, sem a qual não estará, em sentido próprio, formando professores. (SAVIANI, 2009, p.149)

Entende-se com isso que a formação profissional implica em entender a aprendizagem como um processo efetivo e contínuo, o qual requer não só teorias, mas análises de etapas as quais envolvem ideias, práticas, valores e ações. Dessa forma, o estudo do professor e o cotidiano da sala de aula, percebendo-o como ser histórico e inserido socialmente, ajudam a compreender essa conjuntura pedagógica, aluno, escola e prática diária, e, por conseguinte sua formação. Assim, quanto mais significativa for sua história de vida e profissional, como sujeito ativo de um sistema, maiores serão os resultados e desempenho de uma prática que tem em seu bojo o significativo.

Nóvoa (2013) refletindo sobre essa questão nos faz pensar algo importante acerca do processo formativo dos professores:

É inútil escrever textos atrás de textos a *praxis* e o *practicum*, sobre a *phronesis* e a *prudentia* como referência do saber docente ou sobre os professores reflexivos se não concretizarmos uma maior presença da profissão na formação. É fundamental assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino ganhem visibilidade, do ponto de vista profissional e científico, adquirindo um estatuto idêntico a outros campos de trabalho acadêmico e criativo, e, ao mesmo tempo, é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseados em uma pesquisa que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar. Não advogo qualquer deriva praticista, tão do agrado dos meios conservadores, que procuram definir o professorado como uma atividade puramente técnica. Defendo, sim, que as nossas propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, se contemplarem a necessidade de um professor actuante no espaço da sala de aula, se



forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho. (NÓVOA, 2013, p. 203)

Muitas lacunas deixadas ao longo da formação não são discutidas na universidade, tampouco no dia a dia a partir da práxis do professor. Mais que receitas práticas que minimizem problemas relacionados a aprendizagem, comportamento, déficit de atenção entre outros, é preciso refletir sobre essa prática e rever a mesma, a direção a ser tomada e as ações executadas acontecerão de forma contínua e em parceria. Essa reflexão reconstrói os caminhos, gera novos conhecimentos, os quais reinvestidos na ação dão novos sentidos ao fazer do professor. Esta na sala de aula é mais que dar aulas, é entender os sujeitos, seus avanços, seus limites, suas dificuldades. É reexaminar criticamente os objetivos, se auto-observando no processo. É ser crítico consigo mesmo.

Dessa forma, cremos que não é possível pensar a formação do professor dissociada das questões da sala de aula e de tudo o que envolve a mesma. Pois é nela que o existir do ser professor se dá, e a essência do ser aluno ganha sentido. Assim, é de suma importância entender o modelo escolar, bem como as tecnologias digitais enquanto fator importante para o fazer docente.

O modelo escolar

O mundo vem passando ao longo das últimas décadas grandes transformações, às tecnologias e a rede mundial de computadores tem colaborado significativamente para que esse processo aconteça. Os relacionamentos, a comunicação, a pesquisa, os estudos e etc, passaram a ter denotações as quais antes não se concebia. Que direções tomarmos e quais objetivos alcançaremos? Ainda não se sabe, uma vez que muito se tem por experimentar e saber, porém, de onde partimos e onde estamos, tornam-se mais fácil uma vez que empiricamente vislumbramos contexto e situações as quais somos interpelados a situarmo-nos enquanto sujeitos inseridos nesse processo.

Assim, pensar o modelo de escola e situá-lo na atualidade nos remete a repensar o contexto e as práticas nesta desenvolvidas. Para tanto, mais que espaço físico, a palavra escola sinaliza a diversos significados como local de disciplina, de ensinamentos, de aprendizagem, de recreação, de princípios e etc.

Sob esse questão Mosé (2013) afirma que:

A vida escolar, ainda hoje, organiza-se em série, e os saberes se dividem em diversos conteúdos isolados, sem conexão uns com os outros, em aulas de cinquenta minutos, que ainda se anunciam por um sinal sonoro que lembra o apito das fábricas. Gramática, literatura, álgebra, geometria, genética, citologia, ótica, mecânica, saberes que são ministrados isoladamente, cada um retratando um



fragmento do saber que nunca se relaciona com os outros e com a vida, que, em si mesma, é extremamente articulada e complexa (MOSE, 2013, p.49).

A autora chama a nossa atenção para o fato que, enquanto organismo vivo, a escola segue uma lógica que deveria ser “mais viva”, onde o sentido dos sujeitos e das coisas passaria a se articular constantemente, e nos desperta para tais questões nos fazendo pensar até que ponto a vida acontece neste ambiente ou as práticas desencadeiam apenas morte, a partir de processos mecânicos e repetitivos? Daí a necessidade de romper com o modelo tradicional, o qual se privilegia a quantidade de informações e conteúdos, na maioria das vezes pouco significativa para a vida do aluno em detrimento daquilo que se correlaciona com o contexto e as necessidades para a vida.

Em relação a essa questão os PCN's sinalizam que é preciso

Mostrar a importância da participação da comunidade na escola, de forma que o conhecimento aprendido gere maior compreensão, integração e inserção no mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade — cidadãos — desde o primeiro dia de sua escolaridade (BRASIL, 1998, p.10)

Creemos que situar as pessoas como participantes da sociedade é dar as mesmas a condição de sujeitos ativos, onde conhecimento e experiência de vida estão entrelaçados e se articulam cotidianamente. Dessa forma, ao se apropriar do conhecimento num ambiente que o leve a isso, os sujeitos tendem a partilhar com os seus pares e se tornam pessoas mais conscientes e responsáveis por sua transformação pessoal e coletiva.

O modo como se aprende torna-se importante no instante em que faz os sujeitos transcender a mundos reais e imagináveis, porém, possibilitando-lhes correlacionar saber teórico a empiria. É essa nova maneira de ver e viver a realidade que vem faltando ao modelo escolar, uma vez que as práticas desenvolvidas na escola não refletem o contexto do aluno nem as suas necessidades. Daí a importância de se repensar as práticas desenvolvidas na sala de aula e motivar os sujeitos a participar e a construir o seu processo formativo com o professor.

É importante destacar que não dá para conceber a escola a partir de conceitos de outrora. Assim, Freire (1987) destaca que:

Introjetando a autoridade paterna através de um tipo rígido de relações, que a escola enfatiza, sua tendência, quando se fazem profissionais, pelo próprio medo da liberdade que neles se instala, é seguir os padrões rígidos em que se deformaram. (FREIRE, 1987, p.88)



Cabe destacar aqui, que as ações de ensinar e aprender não são somente atividades escolares, uma vez que fora da escola também se aprende e se ensina, e estas são ações que ocorrem durante a vida inteira, em todos os lugares, em todas as idades para todos os sujeitos. O que se espera da escola é que além do processo de socialização dos indivíduos e saberes é que ela forme pessoas para atuar no mundo como seres ativos e pensantes que substituam a formação tecnicista por uma formação para a vida, e que seja questionadora do ser e das coisas. É preciso ultrapassar as marcas dos resultados estatístico obtidos a partir de exames e provas, e re-significar o fazer pedagógico tanto para o mestre quanto para o discípulo. O que necessitamos é pautar o sentido da escola como uma instituição a qual conhecimento, cultura, educação e formação humana estão interligadas.

Daí a necessidade de se pensar a escola enquanto modelo de um tempo e refletir acerca de seu significado em resposta a esse tempo e por conseguinte, o preenchimento das necessidades dos sujeitos. Um dos desafios que perpassa esse modelo são as mídias e tecnologias. Mesmo sabendo dos investimentos e dos esforços em manter a escola conectada com o mundo e atendida as questões contemporâneas, nos deparamos com realidades as quais caminham na contramão deste processo. Assim, urge a necessidade de se pensar sobre essa questão e sinalizarmos as tecnologias como meio que facilita a comunicação o conhecimento e as relações sociais dentro e fora da sala de aula.

O professor e as tecnologias: um diálogo necessário para uma prática viva

O uso das tecnologias na sociedade a cada dia se acentua como algo comum, corriqueiro e necessário. Pois se olharmos pelo prisma do tempo, da distância e da facilidade nos damos conta que as mesmas vêm facilitando a vida do homem na modernidade e acelerando os processos comunicacionais. Isolar-se dessa situação ou fazer de conta que a mesma não procede, é ir de encontro a dinâmica do tempo. Pois vive-se permeado e moldado pelo tecnológico, com este aprendemos novas formas de nos relacionarmos e reaprendemos a ser sujeitos na atualidade.

Cabe ressaltar que se por um lado somos bombardeados por toda uma gama de tecnologias, por outro é imprescindível a busca por conhecimento, já que com a mesma velocidade que se criam, se recriam e atualiza-se. Se pegarmos, por exemplo, a informação, esta atualiza-se a cada instante, e é o que contribui para a sociedade se transforme constantemente na

sociedade da informação¹ e se torna uma necessidade humana que perpassa todas as formas de relações sociais.

Inserida nesse cenário de comunicação, redes sociais, internet e etc, a escola vem passando por adaptações, as quais tem exigido do professor certos jogos de cintura, quanto a novas metodologias bem como a dinâmica de uma didáticas que favoreça conteúdos e aprendizagem. Pois é preciso ter em mente que o acesso as tecnologias e a web por parte do aluno, acontece fora dos muros da escola e toda uma vivência atrelado ao uso, conhecimentos e interação são constantes no universo do aluno, menos dentro da sala de aula, uma vez que as regras preestabelecidas para o uso do celular pro exemplo, são claras e não permitem o uso de aparelhos durante a aulas.

Corroborando com essa questão, quanto ao uso das tecnologias, Pretto (2013) afirma-nos que,

O ponto nevrálgico, penso eu, está centrado sempre e sempre na mesma questão: as políticas públicas consideram que educação é sempre aula, aula com professor na frente ditando o rumo! Com essa concepção de educação, mesmo que de forma subjacente e não explicitada nos discursos, chegamos à grande questão e ao maior desafio quando pensamos em cultura digital: de que adianta termos notebooks, computadores, câmeras e tablets se o que se espera da escola, em última instância, é que tudo se resuma a um professor dando aulas? (PRETTO, 2013, p.59)

É preciso reconhecer que a sala de aula é um espaço coletivo, por onde perpassa pessoas, conhecimento, trocas de informação, interações e descobertas, e para além de uma simples ferramenta pedagógica para “dar aulas” como aponta o autor, as tecnologias tendem a auxiliar a prática do professor, quando bem utilizadas. Assim, contextualizar seu uso, a partir de novas descobertas e desafios junto aos alunos, é uma forma de aproximar rotina da sala de aula a necessidade dos sujeitos que configuram a mesma. Dessa forma, a curiosidade, as buscas e as novas descobertas, fazem das tecnologias algo além do mecânico, uma vez que por si só, elas não são capazes de transformar a prática do professor, o sentido dado ao seu uso perpassa pela preparação do docente e por conseguinte pelas motivações em trabalhar com o novo. Atentar para

¹ Mesmo sem nos darmos conta, estamos paulatinamente nos acostumando com todas as formas de mídias e tecnologias onde consumimos, experimentamos e nos adaptamos as mesmas sem nos darmos conta ou questionarmos o porque de tudo isso. Vivem na sociedade da informação é está imbuído em uma era na qual tempo, distancia, informação e conhecimentos se cruzam e interconectam em rede, fluindo e se renovando constantemente. Com isso valores são criados, recriados e adaptados, fazendo com que os sujeitos repensem suas formas de atuar e conceber o mundo e as relações sócias. In: TAKAHASHI, Tadao (Org) **Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde**. Brasília. Ministério da Ciência e Tecnologia. 2000.

tais questões é sair do mero conteúdo disciplinar, para um processo contínuo, no qual o ensino e a aprendizagem aconteçam de forma atraente, inovadora, motivadora e participativa.

Em um trabalho recente sobre o uso das tecnologias em sala de aula, mais especificamente as produções textuais em redes sociais, Silva (2014) aponta que:

As tecnologias e a web têm proporcionados aos jovens alcançar mundos até então inalcançáveis, ultrapassar barreiras até então intransponíveis. Possibilitando aquilo que a escola ainda não conseguiu, conduzir o aluno a mundos desconhecidos e fazer com os mesmos se tornem protagonistas de suas buscas. (SILVA, 2014, p.80)

É esse protagonismo que falta ao longo da formação do discente, que segue pela academia com a formação docente, e retorna mais uma vez a sala de aula da educação básica. Como aluno, não nos reconhecemos sujeitos do processo, e como professores, caminhamos na contramão de um contexto que nos desafia a adaptarmos ao mutável. Não conseguimos dentro da escola, ver por entre seus muros o que acontecem fora da mesma, nossas práticas, pautadas em conteúdos, disciplinas e provas, não permitem diálogos com dinâmicas do dia a dia, nem muito menos com as tecnologias.

Dessa forma, mais que uma aula, cabe a escola encontrar junto a professores e alunos, um sentido maior para o fazer docente e o ser discente nesse processo formativo mediado pelas tecnologia. Uma vez que os sujeitos são outros, o tempo é moderno, e as velhas práticas de se ensinar e aprender já não condiz com a realidade. Se estamos vivendo uma crise, é preciso observar os sinais da mesma e buscar solucionar com os envolvidos os problemas existentes. É preciso olhar para a transição e buscar nesta as respostas que tanto nos instiga enquanto escola, pois mesmo que não saiam resoluções para os problemas que por si só estão enraizados na complexidade humana, no mínimo teremos respostas os quais nos possibilitarão entendê-los.

Assim, não é possível deixar de lado, no processo formativo do professor hoje em dia, o debate acerca da escola e das tecnologias. Pensar esse modelo de escola, seu papel e significado para a sociedade é o primeiro passo, e atentar para as questões das tecnologias e da rede mundial de computadores segue o mesmo caminho, uma vez que essas refletem as questões sociais as quais não podemos olvidar.

Considerações finais

Muitos são os desafios encontrados ao longo de uma formação e as lacunas que a mesma vai deixando nesse processo. Porém cabe ao professor refletir sua prática e buscar respostas que



auxiliem seu fazer na sala de aula e possam mediar conteúdo e conhecimento, sem que tais lacunas dificultem sua ação e não permitam fazer o diferencial junto a seus alunos.

Enquanto modelo, a escola não facilita o trabalho do professor ao passo que distancia o seu fazer da real necessidade do aluno. Uma das vias alternativas, cremos ser, o uso das tecnologias. Uma vez que os jovens são usuários, tem facilidade em conectar e acessar, e se essas ações forem pensadas de forma a desenvolver o trabalho do professor em sala de aula, respostas positivas surgirão e farão com que todos se encontrem nesse espaço.

Mais que reciclagem, os professores necessitam formações que se adéquem a sua realidade, que dialoguem com os problemas enfrentados na sala de aula, e que apontem saídas para o mesmo. Mas isso só será possível quando o professor for considerado sujeito do processo como sujeito agente, e não mero especialista em sua área de conhecimento, e para que isso aconteça é preciso atentar para o fazer docente e suas dificuldades no cotidiano da sala de aula.

Referências Bibliográficas

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

INSTITUTO PORVIR - **Desafios e Caminhos para a Formação de Professores no Brasil** (Série Formação de Professores), 2015. Disponível em: <http://porvir.org/?s=S%C3%A9rie%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20Professores&t=1> <Acesso em 03 de Agosto de 2017>

NÓVOA, A. **Nada substituí um bom professor: propostas para uma revolução no campo da formação de professores**. In: GATTI, B. A [Et al.] Por uma política nacional de formação de professores. - 1.ed.- São Paulo: Editora Unesp, 2013.

PRETTO, N. L. **Reflexões: ativismo, redes sociais e educação** / Nelson De Luca Pretto. - Salvador: EDUFBA, 2013.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2009, vol.14, n.40, pp.143-155. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782009000100012>. <Acesso em 02 de Agosto de 2017>

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.



CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE
LETRAMENTOS E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

SILVA, M. **Complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, S.C.L. **Produção textual e tecnologias: um estudo etnográfico de uma sala de aula de língua portuguesa da educação básica.** 2017, 107p. Dissertação. (Mestrado Profissional em Formação de professores) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-Pb.

TAKAHASHI, T (Org) **Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde.** Brasília. Ministério da Ciência e Tecnologia. 2000.